

A imagem do Bom Pastor na arte cristã primitiva: uma abordagem sócio-histórica a partir das interações culturais

The image of the Good Shepherd in early Christian art: a socio-historical approach based from the cultural interactions

*Elisa Rodrigues
Iuri Nunes²*

RESUMO

Durante o período de nascimento do cristianismo, os primeiros cristãos utilizaram a expressão artística nas dinâmicas de comunicação da mensagem cristã. Dessa forma, surgiram imagens, símbolos e inscrições que possibilitam uma reflexão acerca das experiências fundantes das religiosidades cristãs. Neste artigo, buscou-se abordar um dos temas mais recorrentes dessas expressões artísticas: a imagem do Bom Pastor, especificamente os afrescos encontrados nas catacumbas dos primeiros mártires. A partir de uma perspectiva sócio-histórica, apontou-se a Arte Paleocristã como reflexo de interações culturais com o amplo mundo greco-romano e judaico.

Palavras-chave: Cristianismo Primitivo; Arte Paleocristã; Bom Pastor.

ABSTRACT

During the birth of Christianity, early Christians used artistic expression in the communication dynamics of the Christian message. In this way, emerged images, symbols and inscriptions that allow a reflection about the founding experiences of Christian religiosities. In this article, we searched to approach one of the most recurrent themes of these artistic expressions: the image of the Good Shepherd, specifically a fresco found in the catacombs of the first martyrs. From a socio-historical perspective, the Paleochristian Art was pointed as a reflection of cultural interactions with the wide Greco-Roman and Jewish world.

Keywords: Early Christian; Paleochristian Art; Good Shepherd.

¹ Doutora em Ciências da Religião (Umesp) e doutora em Ciências Sociais (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Artigo recebido em 09.09.2019 e aceito em 05.12.2019 E-mail: elisa.erodrigues@gmail.com

² Licenciado e Bacharel em História pela UFOP. Especialista em Ciência da Religião pela UFJF. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF com financiamento do CNPQ (2018/2020). Artigo recebido em 09.09.2019 e aceito em 05.12.2019. E-mail: n.iuri@hotmail.com

Introdução

Ao longo das últimas décadas tem crescido significativamente os estudos que buscam revisitar o movimento religioso surgido na região leste do Mediterrâneo na primeira metade do século I d.C., a partir do qual se decorreu os anos iniciais do processo de constituição das religiosidades cristãs. Em geral, os estudos deste movimento, amplamente denominado como cristianismo primitivo³, objetivam a determinação da figura histórica de Jesus e a análise das dinâmicas socioculturais empreendidas em torno dessa figura, as quais se desdobram através dos estudos das práticas, *ethos* social, desenvolvimento organizacional e das relações com o amplo mundo greco-romano e judaico. A partir dessas pesquisas, pode-se observar uma importante onda de releituras tanto das produções literárias judaico-cristãs - principalmente do Novo Testamento, quanto da cultura material relacionada aos cristãos originários. Há, dessa forma, uma retomada do interesse pela materialidade do mundo retrato e vivenciado pelo Cristianismo Primitivo⁴.

Durante esse período inicial de desenvolvimento das religiosidades cristãs, o recurso da oralidade teve um papel fundamental dentro da nascente tradição cristã, pois contribuiu para o entendimento e transmissão de valores entre os primeiros adeptos desse movimento religioso, onde grande parte deles era formada por iletrados. Ao mesmo tempo, os cristãos originários utilizaram também as potencialidades da expressão artística no processo de comunicação e identificação do seu novo movimento religioso, surgindo imagens, símbolos e inscrições como suporte para a mensagem cristã. Essas representações destacam-se como uma importante ferramenta para a reflexão sobre a experiência religiosa dos primeiros cristãos. Segundo Pedro Paulo Funari, os vestígios materiais são particularmente relevantes no caso do estudo do cristianismo originário, pois constituem em grande medida o principal acesso ao estrato social da imensa maioria dos cristãos primitivos: as comunidades pobres, iletradas e sem instrução formal (FUNARI, 2006, p. 217).

O presente trabalho insere-se nesta temática que tem como foco o estudo e a compreensão das manifestações fundantes do cristianismo, elencando como preocupações as expressões artísticas desse período, as quais foram denominadas como *Arte Paleocristã*. Uma dessas expressões artísticas mais comuns, delimitada para a análise neste trabalho, refere-se à representação simbólica da imagem do Bom Pastor. Antes de debruçar especificamente sobre essa imagem, pretende-se apresentar o quadro contextual das linguagens imagéticas do cristianismo originário. Logo após, apresentar-se-á os temas mais recorrentes nas representações dos primeiros cristãos, visando apresentar um esboço geral das principais imagens desse período. Por fim, destacar-se-á a representação da figura do Bom Pastor durante o Cristianismo Antigo, especificamente os afrescos encontrados nas catacumbas dos mártires. A partir de uma perspectiva sócio-histórica, atentar-se-á para as práticas em que essas imagens foram produzidas e utilizadas, compreendendo que elas são partes da construção social da realidade (LIMA & LARA, 2017p. 205).

³Outras expressões utilizadas para descrição desse período podem ser “Cristianismo das Origens” “Cristianismo Originário”, “Cristianismo Antigo”, “Período do Novo Testamento”, “Protocristianismo”, “Early Christian” e, mais recentemente, “Paleocristianismo”. Observa-se que há um debate em torno dessas denominações (NOGUEIRA, 2015).

⁴Dentre as referências desses estudos, podem-se destacar a obra de John Dominic Crossan (2007) *Em busca de Jesus: Debaixo das pedras, atrás dos textos* e o artigo de Pedro Paulo Funari (2006) *O Jesus Histórico e a contribuição da arqueologia*.

O termo *Arte Paleocristã* não designa um estilo propriamente dito, mas uma produção artística que se situa dentro de um período cronológico específico e que foi inspirada por experiências religiosas de um determinado grupo. A Arte Paleocristã ou Arte Cristã Primitiva compreende pinturas e, em menor proporção, algumas esculturas e arquiteturas que foram produzidas pelos cristãos originários ou sob o patrocínio cristão, abrangendo um período que vai desde o surgimento desse movimento religioso até o século IV - embora não seja encontrada arte cristã sobrevivente do século I d.C. (MARTINS, 2015). Nesse período, tem-se o processo de formação do sistema simbólico do cristianismo, cujos símbolos e figuras iconográficas eram utilizados com objetivos pedagógicos e principalmente para a identificação entre seus pares. Portanto, pode-se observar que a adoção da representação figurativa entre os cristãos originários teria como principal função facilitar o processo comunicativo dos princípios norteadores desse novo movimento religioso.

Como a ocorrência das representações paleocristãs se deu em um período significativo para a sua formação, considera-se importante apresentar algumas características principais desse ambiente fundante. Segundo Maria de Fátima Eusébio, a emergência dessa linguagem artística ocorreu num contexto marcado pela intersecção de três orientações: (i) a cultura judaica contrária às representações figurativas por considerar idolatria; (ii) a influência da cultura greco-romana, na qual as comunidades cristãs estavam integradas; (iii) o contexto de perseguição e, conseqüentemente, a clandestinidade das celebrações cultuais, exigindo a adaptação de locais para o culto (EUSÉBIO, 2005, p. 10). Considera-se importante salientar que ao mesmo tempo em que esse quadro proporcionou o surgimento e estruturação da linguagem simbólica, ele também contribuiu para a limitação de um número maior de manifestações artísticas.

A definição do cristianismo originário como um período em que as experiências em torno do Cristo estavam atreladas ao seio da vida religiosa judaica permite estabelecer uma relação de dependência desse novo grupo religioso aos sistemas de crenças, preceitos e práticas do Judaísmo. Nesse sentido, mediante as orientações da Torah, a visão dos judeus em relação às imagens ou qualquer tipo de representação figurativa era (e ainda é) considerado idolatria. Segundo Rosa Cedilho e Ana Paula de Souza, os primeiros cristãos evitavam criar imagens de Cristo e dos Apóstolos e preferiam utilizar-se de símbolos para representar a crença no Cristo e as histórias do Antigo Testamento (CEDILHO & SOUZA, 2013, p. 606). No entanto, a presença de imagens neste período do cristianismo não foi insignificante, devendo ser entendidas principalmente como códigos de linguagens em meio a um ambiente de clandestinidade, cujo significado desses códigos era amplamente compreendido pelos primeiros cristãos.

O movimento do cristianismo originário deve ser inserido nos ambientes greco-romanos, onde se efetuaram negociações, adaptações e tensões entre esses universos religiosos e socioculturais (JAEGER, 1991). Com isso, pode-se observar uma adoção de símbolos pagãos, os quais foram integrados e ressignificados para a mensagem cristã. No entanto, de acordo com Eusébio, havia restrições ao naturalismo e realismo das representações figurativas, pois estas não eram destinadas à idolatria como no paganismo (EUSÉBIO, 2005, p. 10). A pesquisadora Angelina Martins defende que a utilização de elementos semelhantes aos da cultura greco-romana tinha como objetivo criar símbolos codificados e/ou neutros devido às perseguições enfrentadas durante este período (MARTINS 2015, p. 78). Esse contexto de perseguições gerou também uma enorme dificuldade de criar edifícios específicos para o culto da partilha do pão (eucaristia), tendo que ser executado em locais adaptados: as casas particulares (*domus ecclesiae*) e as catacumbas.

Um desses locais referentes às casas particulares adaptadas ao culto trata-se da *Dura Europos* – datada de 231 d.C., onde foram representadas narrativas judaicas e cristãs⁵. Já as catacumbas romanas, constituem o maior acervo pictórico deste período e são datadas de meados do século III d.C. As catacumbas eram cavidades que serviam de cemitério subterrâneo aos cristãos primitivos e o termo [*katá túμβος*] foi retirado de uma das tumbas mais conhecidas e visitadas de Roma, a de São Sebastião. A partir dessas catacumbas, compreende-se que os cristãos não seguiram o costume pagão da cremação e optaram pela inumação, pois, de acordo com as religiosidades cristãs, o ato de enterrar os corpos diretamente no solo visava à preservação do corpo para a ressurreição. Conforme dito acima, as catacumbas não foram apenas locais de sepultamento, mas também adaptações destinadas aos cultos clandestinos dos cristãos. Segundo Angelina Martins, a escolha desses lugares para o culto se dava muito mais porque neles se encontravam enterrados os mártires da fé do que por serem lugares secretos, já que as autoridades tinham conhecimento e previam até o respeito⁶ desses lugares de sepultamento (MARTINS, 2015, p. 83).

Ainda de acordo com a pesquisadora Martins, há em Roma entre 35 e 60 catacumbas, abrangendo cerca de 70 mil inscrições catalogadas e exploradas (MARTINS, 2015, p. 87). Entre as principais catacumbas romanas estão a de São Calisto, Domitila, São Sebastião, Pretestato e Priscila, onde nas superfícies das paredes desses solos funerários tem-se o suporte dos primeiros programas iconográficos que acabaram representando a espiritualidade cristã antiga. Como a imensa maioria era iletrada, os cristãos originários recorreram às pinturas e símbolos para distinguir as sepulturas, cujas representações possibilitam refletir acerca das experiências religiosas fundantes do cristianismo. Nessas imagens utilizadas nas catacumbas, pode-se verificar a presença de um repertório limitado, repetitivo e que dominou a linguagem artística cristã até o século IV. No seguimento deste trabalho, pretende-se apresentar de maneira geral algumas dessas representações que compõem o quadro de imagens desse período do cristianismo antigo.

Nesses conjuntos pictóricos das catacumbas e das *domus ecclesiae*, há um predomínio de temas relacionados à oração e salvação, contendo cenas de passagens bíblicas do Antigo Testamento e também de tradições referentes ao Cristo, bem como a presença de um hibridismo cultural com a cultura greco-romana. Pode-se observar que essas imagens evidenciam um esquema compositivo simplificado e de execução rápida, as quais não priorizavam a estética. Entre os símbolos mais recorrentes deste período do cristianismo antigo está o *Chi-Rho*, a figura do peixe e as letras gregas alfa e ômega⁷. Vale ressaltar que a figura da cruz - símbolo da crucificação de Jesus – aparecia de modo bastante moderado nas representações artísticas durante os primeiros séculos, o que pode ser explicado a partir da conexão direta com o castigo infligido aos delinquentes. Somente a partir da Idade Média que a cruz tornou-se um símbolo universal das religiosidades cristãs (EUSÉBIO, 2005, p. 15).

Um dos mais primitivos símbolos utilizados pelo cristianismo era o *Chi-Rho* (figura 1 e figura 2), datado do século II d.C. Ele é composto pelas duas primeiras letras do nome Cristo (*Χριστός*) – o *Chi* (*X*) e o *Rho* (*P*), as quais eram colocadas uma sobreposta a outra. Os cristãos originários usavam o símbolo como sinal secreto de sua crença no Cristo. Pode-se observar

⁵O sítio arqueológico de *Dura Europos* foi descoberto em 1932 e localiza-se nas proximidades do rio Eufrates. Atualmente, as pinturas encontram-se no Museu da Universidade de Yale.

⁶A lei romana previa que fosse considerado crime a violação desses locais de sepultamento, pois eles eram considerados uma espécie de territórios religiosos. Pode-se dizer, inclusive, que esse dispositivo contribuiu para que as catacumbas continuassem razoavelmente bem preservadas até os dias atuais.

⁷Para ter um acesso mais amplo às principais imagens do período do cristianismo antigo, o estudioso Alessandro Gregori (2014) organizou um banco de dados e imagens da Arte Paleocristã.

que antes de se tornar o monograma de Cristo, o *Chi-Rho* foi o monograma de Cronos ($\chi\rho\nu\varsigma$) – o deus do tempo na mitologia grega. As letras alfa (α) e ômega (ω) eram também utilizadas como referências ao Cristo e geralmente acompanhavam a composição de outros símbolos (figura 1). Por se tratar da primeira e última letra do alfabeto grego, as duas letras simbolizavam a natureza do Cristo para os cristãos originários: o primeiro e o último, o princípio e o fim – conforme, por exemplo, a narrativa do Apocalipse 22, 13⁸.



Figura 1 –*Chi-Rho* esculpido em lápide funerária, datado do século VI d.C.. Fonte: CEDILHO & SOUZA, 2013, p. 608.

Outro símbolo que foi bastante utilizado durante o período do cristianismo antigo perpassa pela figura do peixe (figura 2) – algumas vezes colocada ao lado do símbolo da âncora (figura 4) ou junto com pães (figura 3), sendo esta figura usada como símbolo de Jesus Cristo e representava também a água utilizada no batismo cristão. A figura do peixe está associada a uma tripla simbologia que se desdobra pela semântica, pela simbologia material e por uma referência ligada ao meio natural desse animal. Na vertente semântica, a palavra peixe (em grego, ἰχθύς) codifica um acróstico que forma uma frase fundamental da espiritualidade cristã – “Jesus Cristo, Filho de Deus, salvador” (em grego: $\text{Ἰησοῦς Χριστός, Θεοῦ Υἱός, Σωτήρ}$). A associação com a simbologia material compreende a representação do ministério de Cristo: ser pescadores de homens, conforme as narrativas evangélicas (Mc 1, 17; Mt 4, 19; Lc 5, 10). Devido ao seu ambiente aquático, a simbologia também estava relacionada com o rito iniciatório destinado para os convertidos desse novo grupo religioso, a saber, o rito do batismo.

⁸As citações de textos bíblicos, capítulos e versículos, serão feitas segundo a versão da Bíblia de Jerusalém.

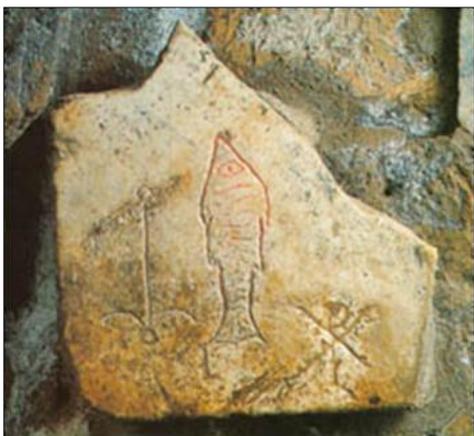


Figura 2–Peixe, *Chi-Rho* e Âncora. Encontrado na Catacumba de São Sebastião. Fonte: MARTINS, 2015, p. 99.



Figura 3– Afresco com imagem de um Peixe e de um cesto de pães. Encontrado na Catacumba de São Calisto, Roma - século III. Fonte: GREGORI, 2014, p. 32.

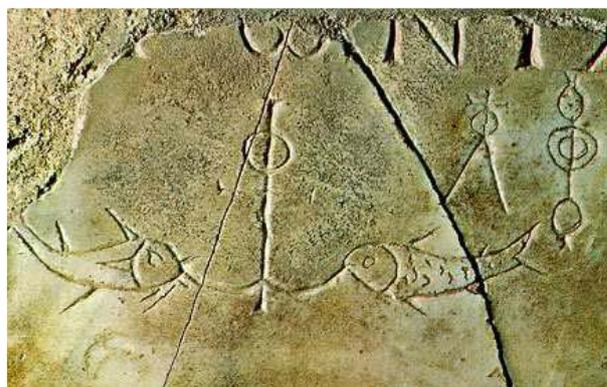


Figura 4– Peixe e âncora da Catacumba de Domitila. Fonte: EUSÉBIO, 2005, p. 15.

Mesmo se tratando de um dos símbolos mais importantes e utilizados durante o período do cristianismo antigo, observa-se que há poucas abordagens sobre a temática do peixe durante o período do cristianismo originário. Por exemplo, o apóstolo Paulo quase não menciona o termo *peixe* em suas cartas e, conseqüentemente, não faz nenhuma interpretação que torne esse símbolo produtivo. Segundo Paulo Dias, o peixe é um símbolo religiosamente neutro tanto para as tradições judaicas quanto para as tradições greco-romanas. Sendo assim, a utilização desse símbolo estaria camuflada nos critérios judaicos acerca da abominação e também evitaria uma associação com os animais que eram objetos de sacrifícios nos rituais pagãos (DIAS, 2010, p. 162-163). Se há poucas abordagens nos primeiros anos do Cristianismo sobre a figura do peixe, o mesmo não se aplica às representações da figura do Bom Pastor. Há várias referências diretas ao tema no Antigo e Novo Testamento e até uma obra nomeada com esta temática – “O Pastor de Hermas”. Na última parte deste trabalho, pretende-se

debruçar sobre essas representações mais difundidas do Cristo no período do Cristianismo Antigo e também uma das mais ricas em detalhes a partir da perspectiva artística.

A imagem do Bom Pastor é uma das representações mais comuns encontrada na arte paleocristã. Essa imagem foi tão difundida entre os primeiros cristãos que se pode interpretar que ela ocupava uma posição e importância semelhante à que ocupa a imagem do Cristo Crucificado na atualidade. Não obstante, pode-se observar que estas representações tiveram pouca relevância para a afirmação dogmática da divindade do Salvador. De acordo com Alessandro Gregori, foram inventariadas mais de 116 imagens do Bom Pastor descobertas nas catacumbas romanas, podendo ser encontrada também no sítio arqueológico de *Dura Europos* (GREGORI, 2014, p. 111). Apesar de ser considerada uma das primeiras representações pictóricas de Jesus, deve-se ressaltar que as imagens iniciais da figura do Bom Pastor não eram entendidas como um retrato de Jesus, mas como um símbolo na arte paleocristã. No esquema geral dessas imagens, há elementos semelhantes quanto à vestimenta da personagem e à paisagem em que ela está retrata.



Figura 5– Afresco “O Bom Pastor” da Catacumba de São Calisto, Roma – meados do século III d.C..
Fonte: GREGORI, 2014, p. 39.

Uma dessas imagens está localizada na catacumba de São Calisto (figura 5). A referida imagem trata-se de um afresco com dimensão aproximada de 70 centímetros, podendo ser datada do século III d.C. A imagem encontra-se delimitada por um círculo e traz um jovem em uma túnica curta, sem manga e cobrindo-lhe apenas o ombro esquerdo; estando com um calçado campestre e tendo consigo um bernal. Carrega nos ombros uma ovelha, segurando-a com uma das mãos; na outra, traz um recipiente – provavelmente para ordenhar. O jovem é rodeado por outros animais e por formações vegetais, as quais são representadas de forma muito sumária. O estilo em que essa imagem está retratada parece fazer parte de um modelo iconográfico de representação da figura do Bom Pastor, pois várias outras imagens apresentam essas características de modo semelhante (figura 6 e figura 7).



Figura 6– Afresco contendo a imagem do Bom Pastor presente na Catacumba dos Santos Pedro e Marcelino, Roma, séc. III d.C.. Fonte: EUSÉBIO, 2005, p. 22.

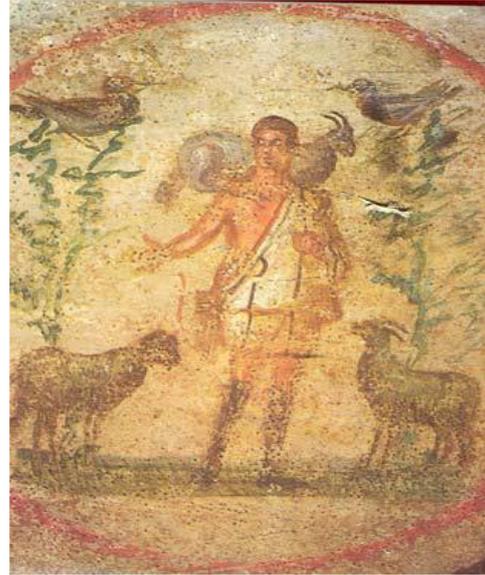


Figura 7– Afresco contendo a imagem do Bom Pastor presente na Catacumba de Priscilla, Roma, séc. III d.C.. Fonte: EUSÉBIO, 2005, p. 22.

Na antiguidade, uma das principais fontes de riqueza de várias comunidades era a pastorícia. A Palestina, por exemplo, constituía uma dessas regiões que foram marcadas pelo pastoreio, as quais influenciaram enormemente na construção desse imaginário. A tradição judaica também contribuiu decisivamente, pois há na bíblia hebraica várias referências da ação de Deus ligada com atividades do pastoreio, sendo inclusive descrito como o pastor do povo de Israel. Sendo assim, o imaginário que alcançava a figura do pastor estava associado com a condução e proteção do rebanho lhe confiado. Segundo Maria Eusébio, a compreensão dessa imagem simbólica deve levar em consideração essas qualidades e ação do pastor em benefício do seu rebanho (EUSÉBIO, 2005, p. 18). O próprio Jesus foi identificado nas narrativas evangélicas com essa figura do pastor: “*ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός. ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ὑτίθησιν ὑπὲρ τῶν προβάτων*”.⁹ Nas imagens representadas pelos cristãos originários, os gestos do pastor – especificamente o de carregar a ovelha nos ombros – apontam para essa habilidade do cuidado.

A representação da figura do Bom Pastor está relacionada não apenas com a tradição judaica, mas o modo dessa representação apresenta também elementos semelhantes com um determinado modelo artístico pagão muito difundido e que foi adaptado aos ensinamentos dos primeiros cristãos: trata-se da figura de Hermes Crióforo. Na mitologia grega, a figura de Hermes aparece muitas vezes identificada com as atividades do pastoreio, o que acabou lhe conferindo o título de protetor dos rebanhos e dos pastores, sendo representado na produção artística greco-romana carregando um cordeiro (figura 8). Esse deus da mitologia grega aparece também associado a contextos fúnebres, já que Hermes era visto também como

⁹A versão da Bíblia de Jerusalém oferece a seguinte tradução: “Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas” (João 10, 11).

guardião e acompanhante das almas [KURY, 2008, p. 194-195]. A representação da figura do Bom Pastor feita pelos cristãos originários em um contexto funerário constitui mais um elemento que permite relacionar com a cultura greco-romana. Segundo Gregori, o pastor para essa geração cristã está intrinsecamente associado com a felicidade do paraíso eterno, o qual foi evocado a partir de um mundo idílico, bucólico e pastoral [GREGORI, 2014, p. 112].



Figura 8– Escultura de Hermes Crióforo, c. 570 a.C.. Museu de Atenas Fonte: GREGORI, 2014, p. 111.



Figura 9– Lamparina de terracota com imagem do Bom Pastor, séc. III d.C.. Staaliche Museen zu Berlin. Fonte: GREGORI, 2014, p. 16.

Conclusão

Em suma, pode-se perceber que a configuração de uma nova linguagem religiosa não significou uma descontinuidade com a cultura judaica e greco-romana. A Arte Paleocristã aponta para as interfaces culturais empreendidas nesse período de formação das religiosidades cristãs, contribuindo para uma compreensão mais dinâmica e flexível das identidades cristãs primitivas. Neste cenário, a representação da figura do Bom Pastor constitui um exemplo de como se deu a apropriação e ressignificação de símbolos e imagens, sendo esta uma operação que mesclava dinamicamente costumes, crenças e valores distintos.

Referências

CEDILHO, Rosa Maria Blanca; SOUZA, Ana Paula Bernardo. Arte Paleocristã: espelho da visão de mundo dos primeiros cristãos. *Mirabilia*, n. 17, jul-ago, 2013, p. 602-614.

CROSSAN, John Dominic. *Em busca de Jesus. Debajo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

DIAS, Paulo Barata. O peixe para os judeus e para os cristãos: leituras de um símbolo à luz da cultura greco-romana. *Revista Humanitas*, 62 (2010), p. 147-163.

EUSÉBIO, Maria de Fátima. A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor. *Revista Máthesis*, n.14, 2005, p. 9-28.

FUNARI, Pedro Paulo A. O Jesus histórico e a contribuição da arqueologia. In: CHEVITARESE, André L., CORNELLI, Gabriele & SELVATICI, Monica. (Orgs.) *Jesus de Nazaré: Uma Outra História*. São Paulo: Annablume, 2006.

GREGORI, Alessandro Mortaio. *Comunicação visual na antiguidade cristã: a construção de um discurso imagético do Ante Pacem ao Tempora Christiana[s. III ao VI]*. Dissertação [Mestrado em Arqueologia] – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.461, 2014.

JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.

KURY, Mario da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LIMA, Anderson de Oliveira & LARA, Valter Luiz. Introdução ao estudo da cultura visual religiosa. *História Agora – Revista de História do Tempo Presente*, 2017, p. 204-220.

MARTINS, Angelina Carr Ribeiro. A religio do cristianismo primitivo: arte, símbolo e ressignificações nas catacumbas romanas. *Revista Último Andar*, n. 25, 2015, p. 77-102.

MOMIGLIANO, A. *Os Limites da Helenização. A Interação Cultural das Civilizações Grega, Romana, Céltica, Judaica e Persa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. *Antíteses*, v.8, n.16, p.31-49, jul./dez., 2015.

SCHMITT, Jean Claude. *O corpo das imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru, SP: EDUSC, 2007, Introdução e Capítulo 1.